

PLANTÃO PSICOLÓGICO: ESTADO DE DISPONIBILIDADE PARA O CUIDADO E ACOLHIMENTO DO SOFRIMENTO

Monique Gomes

Yuri de Nobrega

Centro Universitário Fametro – Unifametro

Monique123santos@gmail.com

yuri.sales@professor.unifametro.edu.br

Título da Sessão Temática: *Processos de cuidar*

Evento: VII Encontro de Iniciação Científica

RESUMO

O Plantão Psicológico nasce no Brasil em 1969, com uma proposta de atender demandas urgentes e emergentes em diversos contextos, com uma proposta de cuidado à pessoas em situação de crise. Neste sentido, o objetivo desse trabalho é explorar o tipo de cuidado que é disponibilizado no plantão psicológico que é próprio desta modalidade clínica, entendendo a importância de se compreender esse cuidado para que seja possível sua oferta. Para tanto, foi realizado uma pesquisa bibliográfica e utilizados materiais dispostos nos últimos 10 anos, com exceção de materiais considerados fundamentais para compreensão desta clínica. Conclui-se que esta clínica oferece cuidado a partir da disposição para um encontro com o outro que seja acolhedor e propiciador de crescimento para aqueles que compõem esse encontro: cliente-plantonista. Este é um espaço capaz de oportunizar vivências e experiências de reelaboração do sofrimento.

Palavras-chave: Plantão Psicológico; urgência; disponibilidade; cuidado; sofrimento

INTRODUÇÃO

A psicologia teve seu reconhecimento no Brasil, enquanto profissão, em 1962. Suas práticas eram em sua maioria destinadas à clínica de consultório particular, e atendimento individualizado para fins de psicodiagnóstico ou um processo longo de psicoterapia. Tais atendimentos eram ofertados com horários e locais definidos, e os atendimentos restritos a um tempo específico. Essa prática, ao longo desse tempo, tem sido questionada uma vez que apenas consegue alcançar cerca de 10% da população brasileira (TASSINARI; DURANGE, 2019).

Tassinari (2011) afirma que o homem contemporâneo está exposto ao rápido, ao acelerado. O novo estilo de vida é globalizado e perpassado pelas redes e mídias, as crises econômicas, o aumento da violência, os fatores econômicos e políticos, a defasagem do apoio social, bem como desastres naturais e socialmente provocados. Com o advento dessas novas demandas, as práticas clínicas tradicionais devem, segundo a autora, serem questionadas em sua hegemonia, pois não respondem adequadamente ao cenário atual.

O Plantão Psicológico foi criado em 1969, no Brasil, no bojo de tais inquietações, trazendo mudanças consideráveis no campo das práticas de psicologia (TASSINARI; DURANGE, 2019). Esta clínica se expandiu e assumiu lugares, nas palavras de Tassinari e Durange (2019, p. 45.), “saindo da sala privada para ver as pessoas onde elas estão”.

O Plantão Psicológico se caracteriza por sua disponibilidade em atender, no momento da solicitação, a necessidade de uma pessoa. É um pronto atendimento que visa acolher e entender o sofrimento do indivíduo no momento de sua ocorrência. Assim, é uma forma de fazer clínica que compreende como potente o momento do pedido de ajuda, no que concerna à reelaboração psíquica. Apresenta-se como uma estratégia de cuidado e promoção da saúde com muitas possibilidades de aplicação em diversos contextos. Além disso, é eficiente em atender demandas urgentes, contemporâneas e sempre inesperadas, tendo em vista a singularidade de cada demanda que se apresenta no momento do atendimento (MAHFOUD, 2013). Em Scorsolini-Comin (2015)

“O encontro no plantão tem como pressuposto que a pessoa que busca ajuda possa compreender melhor a sua problemática e sua situação imediata, sendo que o profissional de Psicologia deve estar disponível para explorar possibilidades de resolução do problema sempre com uma atitude de interesse pelo relato e de modo aberto à escuta, em uma consideração positiva pelo outro e pelo que lhe é relatado. O cuidado prestado na urgência pode se dar em forma de acolhimento, compreensão da queixa, de fornecimento de informações e, também, como espaço de escuta e de ressignificação de posturas. Posteriormente, pode ocorrer o encaminhamento dessa pessoa para outros serviços e especialidades.” (p.164)

Vieira e Anjos (2013) apontam que neste serviço o plantonista (estagiário) pode se deparar com muitas angústias e dúvidas sobre a efetividade do atendimento, e dificuldade de oferecer as atitudes terapêuticas necessárias devido ao grau de ansiedade que lhes acomete. Grande parte desses questionamentos deve-se às preocupações dessa emergência/urgência que surge na solicitação por ajuda naquele momento imediato, sem que haja um agendamento prévio, exigindo do plantonista uma disponibilidade para encontrar-se com tais situações e com essas pessoas das formas mais variadas e espontâneas. O plantão psicológico, então, se configura como um desafio.

A partir desse ponto, a importância deste trabalho é de apresentar as possibilidades de cuidado no pedido de ajuda, ou seja, no momento em que uma urgência ou emergência se apresenta espontaneamente, e que tipo de cuidado e assistência o plantão psicológico é capaz de ofertar dentro destas condições. Pensando nestas questões, este trabalho tem por objetivo trazer uma discussão acerca do tipo de disponibilidade (que é específica de um atendimento de urgência) necessário para que seja possível cuidar do outro no seu pedido por ajuda, no momento da sua solicitação.

METODOLOGIA

Para que fosse possível a produção deste trabalho, foram realizadas pesquisas bibliográficas. Segundo Pizzani; Silva e Bello (2012), esse tipo de procedimento é uma ação de levantamento de dados dos documentos já disponíveis na literatura, como jornais, revistas, livros etc.

A fim de que os materiais dispostos para a produção fossem mais direcionados ao tema proposto, foram pesquisados materiais disponíveis na base de dados do Portal Biblioteca Virtual em Saúde (BVS), em português, publicados de 2009 a 2019, sendo estes artigos, jornais, dissertações, teses, revistas e livros disponíveis na língua portuguesa. Materiais fundamentais ou de base, fora desse recorte temporal, foram incluídos, uma vez compreendidos como essenciais - ainda que, em sua maioria, estes se enquadraram no recorte exposto. Foram excluídos materiais não dispostos na língua portuguesa, bibliografia sem resumo em português e/ou materiais não gratuitos.

A partir da pesquisa, segundo os critérios de exclusão e inclusão, foi realizada uma avaliação por meio de leituras dos resumos e de alguns materiais como um todo, para que se pudesse chegar a uma determinada amostragem de materiais que atendesse aos objetivos da pesquisa em questão. Foram utilizados como descritores para realização da coleta de material, dentro dos critérios estabelecidos, os termos: “Plantão Psicológico”, “cuidado”, “disponibilidade”. Diversas produções foram encontradas, em diversos formatos ou objetivos distintos, como pesquisas de campo, estudos de caso, revisões bibliográficas e relatos de experiência de profissionais que trabalham dentro desta perspectiva clínica.

Ressalta-se também o caráter de pesquisa qualitativa presente neste estudo, entendendo que esse tipo de pesquisa parte do pressuposto da compreensão voltada a complexidade dos fenômenos, compreendendo-os de maneira meticulosa e sensível (SILVA; SILVEIRA, 2014).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O Plantão Psicológico parece nos convidar a um desafio de compreensão de sua prática. Para que esse serviço possa atender suas demandas da forma que se propõe, é necessário entender seus desafios e sua proposta de atendimento à urgência. Esse convite é o de compreender a clínica para além do *setting* tradicional da psicoterapia. Sua inserção em campos diversos, sua proposta de acolher as demandas inesperadas, fazem do plantão psicológico um desafio passível de causar nos plantonistas estranhamento e dúvidas. Em muitos dos seus contextos possíveis de aplicação, o plantão psicológico enfrenta condições ambientais diversas, e adversas, podendo não ter um espaço privado, como numa clínica de psicoterapia tradicional, destinado à sua realização. Portanto, este novo modelo de clínica pode gerar dúvidas e angústias nos plantonistas, causando inseguranças e trazendo desafios inclusive para estabelecimento de um vínculo com aquele que busca atendimento, uma vez que este poderá findar em apenas um encontro. (VIEIRA; ANJOS, 2013)

Segundo Mafould, (1987), num primeiro escrito publicado no Brasil que se propõe a falar sobre o Plantão Psicológico,

“A expressão “plantão” está associada à certo tipo de serviço, exercido por profissionais que se mantem a disposição de quaisquer pessoas que deles necessitem, em períodos de tempo previamente determinados e ininterruptos. Do ponto de vista da instituição, o atendimento de plantão pede uma sistematicidade do serviço oferecido. Do profissional, esse sistema pede uma disponibilidade para se defrontar com o não-planejado com a possibilidade (nem um pouco remota) de que o encontro com o cliente seja único. E, ainda, da perspectiva do cliente significa um ponto de referência, para algum momento de necessidade.” (p.75)

Desta forma, pensar numa prática que se pretende atender a uma urgência ou emergência, é pensar numa disponibilidade que requer um encontro intenso entre plantonista-paciente, que possa proporcionar uma escuta acolhedora e ofertar cuidado aos que buscam este serviço. Não se propõe a ser um tipo de serviço para resolução de problemas, mas uma atitude de acolher e entender o sofrimento deste que procura o serviço no momento da crise (DANTAS; et al, 2015).

Em tempos rápidos, com todo aceleração que a contemporaneidade propicia ao ser humano, é possível que o sofrimento, a dor, a angustia e outras questões inerentes a vida humana passem a não ser vivenciadas e experimentadas, acompanhando este “rápido” processo ao qual estamos submetidos. O plantão psicológico, deste modo, com sua proposta de um atendimento mais abreviado e pontual, pode ser um espaço de cuidado no qual a elaboração do sofrimento psíquico pode ocorrer da forma mais breve possível. Se a “rapidez” no atendimento à demanda psicológica é o que justifica a proposta desta modalidade clínica, o

que ocorre durante o atendimento, porém, segue outra temporalidade; é, antes de tudo, um espaço onde se “dá tempo” para que as muitas questões psicológicas possam ser experimentadas e reconhecidas como pertencentes à existência dos indivíduos. Neste sentido, o cuidado no plantão se expressa no ato do plantonista de se expor e dispor ao outro, ou seja, de estar aberto à demanda imediata do paciente e se prontificar a realizar, junto com o indivíduo, um movimento de aproximação e elaboração da experiência. É uma atitude de ser cordial para com o outro, acolhe-lo e de ofertar a este, ternura em sua experimentação. (DOESCHER; HENRIQUES, 2012)

Segundo Tassinari (2008), há no plantão também uma possibilidade de encaminhamento da pessoa para uma psicoterapia, caso seja necessário, porém esta é uma possibilidade secundária. O encontro com o outro na sua urgência deve ser genuíno e caloroso para que este se sinta acolhido na sua necessidade e não julgado nas questões que o trazem aquele momento.

Esse serviço se atenta também a como o plantonista observa e significa sua experiência de disponibilidade para “estar em plantão”. É um fator importante para que o plantonista possa se reconhecer e entender suas experiências de encontros no plantão, já que este lida com situações diversas, intensas e dinâmicas, ou seja, o inesperado. Embora esta seja uma situação já pressuposta para quem se dispõe à ser plantonista, não isenta o desgaste que ocasiona no psicólogo, haja vista toda a dedicação para que este atendimento seja o mais efetivo possível para quem busca o cuidado especializado (BRESCHIGLIARI; JAFELICE, 2014).

Para Breschigliari e Jafelice (2014) para além de pensar no estado em que esta pessoa chega para vivenciar um atendimento e sua acolhida, é importante pensar no seu desfecho. Segundo o autor, o desfecho do atendimento não é o fim de todas as problemáticas que ali foram postas. O desfecho carrega consigo não um final, mas o fechamento de algo e abertura para outras possibilidades. Não significa dizer que este paciente não irá mais sentir ou ver seu problema, como se houvesse desaparecido, mas sim que o desfecho assume um lugar de passagem, de “passar”, o que significa que há, após o cuidado recebido no plantão psicológico, a presença de dois pontos, e não o desaparecimento do ponto inicial trazido pelo sujeito. É possível pensar que, neste sentido, o cuidado no plantão psicológico também se direciona para a construção e/ou apresentação de novas possibilidades e posturas para lidar com o sofrimento atual.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Plantão Psicológico parece nos apontar para alguns momentos em que seu estado de disponibilidade se transforma em cuidado: um lugar possível para sua realização; um preparo específico para este que vai oferecer cuidado nesse momento de emergência (o plantonista); um sujeito que tenha uma necessidade de escuta que veja o plantão como um lugar possível e/ou referência para este cuidado; e o atendimento propriamente dito, que proporcione "clima" favorável para que seu cuidado possa ser o mais efetivo possível.

Deste modo, versar sobre plantão Psicológico enquanto uma possibilidade de clínica que visa oferecer um cuidado num momento específico em que uma necessidade emergencial surge enquanto demanda, é construir “pontes” que potencializem essa clínica e pensar numa formação e preparo para esse atendimento e para esse encontro na emergência que se desdobrem em caminhos e crescimento para estes que compõem este momento de construção: cliente-plantonista.

REFERÊNCIAS

BRESCHIGLIARI, Juliana Oliveira; JAFELICE, Giovana Telles. Plantão psicológico: ficções e reflexões. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 35, n. 1, 2015.

DANTAS, Jurema Barros et al. Plantão psicológico: ampliando possibilidades de escuta. **Revista de Psicologia**, v. 7, n. 1, p. 232-241, 2016.

MAHFOUD, Miguel. Desafios sempre renovados: plantão psicológico. In: TASSINARI, Marcia A; et al. **Revisitando o Plantão Psicológico Centrado na Pessoa**. 1.ed. Curitiba: CRV, 2013. p. 33-50.

MAHFOUD, Miguel. A vivência de um desafio. In: ROSENBERG, LEA R. **Aconselhamento Psicológico Centrado na Pessoa**. 1 ed. São Paulo:EPU, 1987. p. 75-83.

PIZZANI, Luciana et al. A arte da pesquisa bibliográfica na busca do conhecimento. **RDBCI: Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, v. 10, n. 2, p. 53-66, 2012.

SCORSOLINI-COMIN, Fabio. Plantão psicológico e o cuidado na urgência: panorama de pesquisas e intervenções. **Psico-USF**, v. 20, n. 1, p. 163-173, 2015.

TASSINARI, Marcia Alves; DURANGE, Wagner. Clínica da urgência psicológica: a radicalidade do encontro como processo de promoção da saúde. In: ____. **Plantão e a Clínica da urgência psicológica**. 1.ed. Curitiba: CRV, 2019. p. 43-60.

TASSINARI, Marcia Alves; DURANGE, Wagner. Plantão psicológico e sua inserção na contemporaneidade. **Revista do NUFEN**, v. 3, n. 1, p. 41-64, 2011.

TASSINARI, Márcia Alves. A clínica da urgência psicológica: contribuições da abordagem centrada na pessoa e da teoria do caos. **Revista da Abordagem Gestáltica**, v. 14, n. 2, p. 257-259, 2008.

VIEIRA, E. M; ANJOS, K.P.L. Torna-se Plantonista: o fluxo das atitudes facilitadoras a partir da experiência de plantonistas iniciantes. In: TASSINARI, Marcia A; et al. **Revisitando o Plantão Psicológico Centrado na Pessoa**. 1.ed. Curitiba: CRV, 2013. p. 101-124.